

Cada um é louco... ou seja, somos delirantes

Marcus André Vieira



“Todo mundo é louco, quer dizer, delirante” Em que ponto estamos hoje com relação ao que essa frase introduz de reformulação de nossa prática e política?

I.

Todos mundo é louco pode se ler como “Cada um de nós é *não sem* sua loucura”.¹ Só que o “para todos” da loucura em questão é no mínimo paradoxal. Não podemos dizer a “loucura para todos”, porque ela é, para nós, sem existência universal, para cada um, a sua.²

Então, em “todo mundo é louco”, o “todo mundo” não é um “para todos”, não fala de um universal, ou então fala de um universal que *não é* (não faz clube, “esparcos disparatados” como diz Lacan, não totalizável, *nãotodo*).

Quase sempre partimos do universal para definir o singular subtrativamente, como o que o universal não abarca - como na metáfora da sombra, parte-se do corpo para definir nosso real como sua sombra. O corpo existe, já a sombra, só como seu negativo. A partir disso, o singular é o que pode descompletar, furar esse universal, como a sombra de *Peter Pan*. Ele será, porém, sempre inscrito em um “menos” de existência.

Nessa frase não. Lacan não parte do universal, mas do singular, como na famosa frase de Caetano: “de perto ninguém é normal”. O que se vê “de perto” é a base, o que faz com que a normalidade seja negativa, incerta. Nesta mudança de ênfase, o concreto é a bizarrice de cada um, enquanto que o incerto passa a ser o universal, a possibilidade de laço entre a loucuras de cada um.³

Quando o que conta são as singularidades, chega-se à inconsistência do coletivo em questão (vale para o coletivo de analistas, dos *queers*, ou das mulheres, pelo menos no tempo de Freud). Há que se perguntar o que faz com que esses gozos singulares possam funcionar mais ou menos juntos e tenham um mínimo de coesão se nada têm em comum.

Por isso a importância da segunda parte da frase de Lacan, o “...quer dizer, delirante”.

II.

A questão do pequeno texto em que se encontra essa frase é o ensino da psicanálise, a de como uma singularidade passa ao dizer, como ela pode se incluir no saber o bastante para que se possa lidar com ela, transmiti-la. O que está em jogo é o real e sua leitura, a singularidade e o saber, ou ainda o gozo e sua incorporação, sua relação com o corpo.⁴

Essa sempre foi a questão para o analista, mas agora, em 78, como a ordem das coisas muda, não há mais, nessa passagem ao universal, uma leitura correta, melhor, mais verdadeira. Nunca houve, vocês dirão, certo, mas o analisante, pelo menos ao longo de boa parte da análise, acreditava que sim, que ia encontrar a verdade sobre seu inconsciente, a palavra que faltava. Agora, desde o início, nenhum saber é “o” saber, mas apenas um. Dito de outra forma, quando o gozo singular é o ponto de partida, os saberes, todos, se apresentam como delirantes. São delirantes porque não vão *dizer* o real, mas apenas dar-lhe algum lugar no saber.

No entanto, agora, nossas elucubrações de saber são tudo o que temos para dar corpo ao real, dar-lhe lugar na vida. Se estamos às voltas com um Outro inconsistente, se não houver delírio não haverá laço que consista. O delírio agora é quase tão importante quanto a loucura singular. Mas não são a mesma coisa. Não será um delírio *no lugar* do gozo singular, mas tomar um saber como mediação, algum, como der, para fazer com que sua loucura componha com outras.

As consequências clínicas dessa virada na relação entre saber e gozo são imediatas. A condução do tratamento perde a ideia mestra de uma direção ao singular, afinal, já parte dele. Da apresentação do real como ponto cego, furo, entidade subtrativa, a ênfase passa ao real como ex-sistente, sempre em articulação com algum saber. Passamos a uma orientação para o real como compondo-se com a vida, aqui e agora, em meio aos delírios que possam dar lugar a ele desse modo ex-sistente. Mesmo sem a bússola do real negativo, assim há direção, podemos acompanhar as soluções viáveis e desinvestir as inviáveis no sentido da ex-sistencia.

III.

A frase de Lacan comporta, porém, ainda outras consequências, mais “macro”, epistemológicas.⁵ Miller escolhe esta frase para demonstrar uma virada crucial no ensino de Lacan com consequências epistêmicas e clínicas, mas também políticas quanto ao lugar da psicanálise na cultura. Esse é o ponto de atualidade da frase a meu ver.

A inversão de ênfase da frase acompanha a mudança do Outro da época. A ideia de Miller (em seu curso Nulibiedade) é que essa mudança não traduz um capricho do velho Lacan, ou um aperfeiçoamento da teoria para lidar com os ditos novos sintomas, mas um modo de repensar nossa clínica inteira por estarmos trabalhando mergulhados em um outro Outro. É uma mudança de nosso tempo quanto ao regime da alteridade e da relação, neste contexto, entre nosso trabalho com a singularidade e alteridade.

De fato, não apenas o Outro de base dos analistas, dos *queers*, tende a ser inconsistente, exatamente como na frase de Lacan, mas o espírito da época também. Estamos em tempos do Outro que não existe.⁶

Primeiramente porque o Outro consistente, que seria o do Pai, da hierarquia, do coletivo de neuróticos (dos filhos da horda freudiana) está se desmontando. Ele se mantinha de pé porque era possível em larga escala acreditar na existência de uma ordem do mundo, ordem simbólica sustentada pelos fazeres e saberes da tradição.⁷

Quando a tecnociência e o mercado dão as cartas, porém, quando o sentimento de que não há mais limites ao que se possa fazer e vender generaliza-se, as coisas mudam. Se trinta anos na praça como taxista valem nada diante do GPS, para quê os saberes da experiência?

IV.

Quando falta a crença na experiência, no bom caminho, na avenida principal como a ele se refere Lacan, cada um terá o seu.

Essa diferença talvez fique mais clara se tomarmos o Outro de nossos dias a partir do que os economistas chamam *mercado*.⁸ Quem determina os sucessos e fracassos de venda nesse mundo é o consumidor com sua escolha. Mas o consumidor escolhe? É evidente que ele não opta pelo que é melhor ou mais necessário. Escolhe o que lhe é irresistível. Algo nele, mais forte que ele constitui uma escolha pelo gozo, independente dos valores em questão. Não importa se os tênis são feitos por que mão de obra escrava, não importa a lente do fantástico, não importa nada.

O consumidor não escolhe, ao menos não como um eu, mas goza com seus objetos.⁹ Neste sentido, seus objetos o definem, do tênis ao MBA em Boston.

O efeito geral é o de uma galáxia de gozos particularizados mais do que o de um todo social hierarquizado. Certo, os objetos são mais ou menos comuns, há tribos, os do *iphone* e os do *android*, por exemplo, os mais do *facebook* e os do *instagram*, mas cada um compõe seu *feed* como quer. Tudo é customizado para ser o mais particularizado possível. Além disso, nessa galáxia pode-se migrar à vontade de uma tribo à outra ou estar em várias ao mesmo tempo sem grandes contradições.

Tudo isso encarna um Outro social cada vez mais inconsistente. Neste caso, não porque estamos nos tornando uma coleção de singularidades, como na frase de Lacan ou como gostaríamos que fosse o coletivo de analistas, mas porque estamos vivendo em uma galeria global de coleções particulares de objetos de gozo.

V.

Apesar dessa inconsistência do Outro, o laço se mantém. Como? Pelas fixações de gozo em objetos determinados relativamente comuns, mas também pelas elucubrações de saber que as acompanham, delírios compartilhados de que o último *iphone* é melhor que o anterior por exemplo.¹⁰

Os delírios, porém, variam muito. Um deles vai ficando mais e mais presente. Ele assume exatamente o gozo que não se consegue tornar objeto, não se encaixa este gozo excedente será então projetado no outro imaginário, aquele do outro lado da cerca. Tudo o que, do real, não posso tomar como satisfação, o gozo que me excede e atrapalha, torna-se o gozo do inimigo. É a forma paranoica do delírio que parafraseando Miller eu diria é, hoje, quase “consustancial ao laço social”.¹¹

A paranoia não é tão má, todos precisamos de um pouco de inveja ou raiva do vizinho para nos amarmos. Não seria tão pesado se o laço de base do Outro fosse o neurótico. O neurótico vive entre S1 e S2, nenhuma ideia sem que seja preciso uma segunda para explicá-la, discuti-la, etc. A dialetização dos ódios paranoicos locais ficava a cargo da neurose generalizada.

Os neuróticos ainda existem (no sentido de um discurso e não dessa ou daquela pessoa). Ainda bem. Quando somos, porém, apenas uma tribo entre outras, as coisas mudam. Alguém, por exemplo, pode se referir ao “pessoal dos direitos humanos” como se fosse um grupo e não um valor universal (e odiá-los) ou ainda só pensar em termos de empreendedores e consumidores e ignorar e destroçar a categoria dos trabalhadores e os direitos sociais (da sociedade e não apenas deles como grupo).

Os delírios paranoicos, que antes eram marginalizados, patologizados, podem agora se exibir, reiterarem-se em seu postulado de base: o imigrante é o mal, por exemplo, ou os *trans* ou as mulheres. A ferocidade desse gozo do extermínio nada demonstra, nada dialetiza, nada propõe, S1 sem S2, gozo que apenas se reitera, gozo do Um, (e conhecemos hoje na força de um Trump ou na ignorância de um Bolsonaro).

VI.

O psicanalista também lida com um S1, sem S2. Mas ele é extraído ou inventado a duras penas de sua fantasia. Ele também só se reitera, mas nada tem que paranoico. São palavras que vieram nomear o real na contingência, de uma interpretação por exemplo, vindo trazer corte e reconfiguração ao texto analisante. São também nomes que, quando este texto já está tão reduzido e esvaziado, não lançam mais a busca por outros, na sua equivocidade apenas brilham por si, sem chamar um S2 que lhes explique. São apns, apenas signos, apresentam o gozo singular que sustenta a teia das representações de uma vida.

Os nomes do gozo que encontramos nos relatos de passe, são assim. Nomes encontrados ou fabricados quando os que vem de seu inconsciente transferencial já se esgotaram para dizer o real e lançar uma elucubração de saber a mais sobre ele (é o *Há-mar* de Pepita, a *vitalidade* de Marina, a calçadeira *sem medidas, mordidavida, encarnada*).

Eles não duram, podem durar bastante na comunidade, mas para quem os viveu e forjou, nem tanto. Há AEs inclusive (como M Cristina Giraldo) que explicitam não haver um só, mas que a cada vez lhe vêm novos, pois como disse Pepita, há um “se parir”, um parir constante de dizeres que façam laço com o real.

Por isso o trabalho analisante prossegue após o passe, há sempre que decidir pelo que será o nome que enlaça o real naquele momento no sentido de uma elucubração de saber viável. Outros nomes veem, não mais do inconsciente, mas dos encontros com os Outros, na contingência. É o maior ganho para mim dessa experiência do ensino do AE.¹²

Se é possível extrapolar essa experiência e falar em uma política do *sinthoma*, ela me parece apostar nos nomes que venham na contingência dar lugar a um real no coletivo. Se a psicanálise é a possibilidade de encontrar nomes para a loucura de cada um na contingência, então ela é um delírio absolutamente necessário hoje que os mesmos nomes se repetem na violência.

De fato, uma análise pode se propor a trazer para uma vida o impossível, de um gozo singular que, na contingência passa ao dizer e abre um novo mundo de possibilidades. É um amor novo, é amar a contingência, trazendo para a ferocidade do gozo a santa loucura da improvisação.¹³

Publicado em espanhol como: Vieira, M. A. Delirantes. Letras lacanianas n. 15. Madrid, 2018.

[Capa y índice](#)

¹ Lembrei-me, inclusive, do título do V Encontro Americano: “A saúde para todos *não sem* a loucura de cada um”.

² Por isso ela é uma “virtualidade permanente” um “limite interno” como afirma Lacan, o lugar de um gozo (singular) que não se diz no plano do saber (universal). Ele só pode encontrar algum tipo de presença ou nomeação diferente para cada um de tão único.

³ Qualquer coletivo que se organize ou queira se organizar em torno de singularidades, formado a partir do que cada um tem de incongruente será assim. Vale para nós mesmos, aqui reunidos. Se nosso trabalho é dar prioridade ao gozo, o grão de loucura de cada um, o que faz com que psicanalistas (e analisantes também em

certa medida) fiquemos juntos? Vale também para o coletivo formado pelo que na época de Freud eram as mulheres, mas também o dos *queers* hoje.

⁴ Por exemplo ser objeto de ensino, como resume a frase de Lacan em “A psicanálise e seu ensino” em 57: “O que a psicanálise ensina, como ensinar?”.

⁵ Cf. Laurent em 2011 – Enapol: O delírio da normalidade).

⁶ Vale lembrar do filme os deuses estão loucos em que um dia, em uma tribo perdida na África uma garrafa de coca cola cai de um avião. Entendendo que é um objeto dos deuses eles decidem que o mais bravo guerreiro deve levá-la de volta para os deuses. Caminha até o fim do seu mundo e encontra deuses loucos, nós, com nosso consumo e vida louca, deuses que fundamentalmente não estão está nem aí para a ordem das coisas.

⁷ Um Outro *institucional*, ‘que se mantém de pé’ – apoiando-nos na etimologia do termo - do latim *in statuere*. É um sistema de regras hierarquizado e piramidal, um discurso, um modo de estabelecer laço entre falantes, definindo uma forma de vida que podemos aproximar do que Lacan delimitou como o discurso do mestre. Que não haja mais uma referência universal já se tornou um lugar comum. Para sintetizar, escolho o termo destacado por E. Laurent: estaríamos no fim da “transcendência” como viga mestra de uma vida, no ocaso da culpa, na falência dos ideais, do sujeito neurótico vitoriano etc. Laurent, E. How to recompose the Names of the father? International Lacanian Reviews, n. 1, <http://www.lacanianreview.com.br/n1/pdf/ELrecompose.pdf> (acesso em 10/08/09) ou Laurent, E. “Comment recomposer les Noms-du-Père?”, *Elucidation*, 8/9, Paris, Verdier, p. 54.

⁸ O fundamento neoliberal é o que chamamos “livre concorrência”, distinta de uma competição no sentido clássico. Não é organizada pelo resultado em termos de mais eficiência ou melhor trabalho, mas pelo sucesso e pelo desempenho em termos de consumo. Valores? Quem falou em valores? O sucesso não é definido por quem trabalha melhor, pela competência, mas por quem vende mais. Consideremos a forma de vida que se espalha por todos os âmbitos da sociedade junto com capitalismo neoliberal, a subjetividade do empreendedor. Ela se constitui a partir do espelhamento de si mesmo com uma empresa, que bem poderia ser chamada, como o título de uma conhecida revista, “Você SA”. O empreendedor não deve ter centro (assim como as empresas globalizadas). Deve ser criativo, mutante, reinventar-se a cada instante. Sigo P. Dardot e C. Laval, em *A nova razão do mundo* (São Paulo, Boitempo, 2016), que tomam o neoliberalismo como um modo de ser constituinte de uma forma de vida (no sentido de Wittgenstein).

⁹ Por isso é uma falácia dizer que o livre arbítrio estaria na base do capitalismo neoliberal, pois o essencial não é o que se passa no plano do eu consciente, mas daquilo que o conduz sem que ele possa resistir. Por isso o neoliberalismo talvez não seja oposto à democracia, mas sim sua destruição (se ela for definida como o “um por um” do voto consciente).

¹⁰ Aqui, o *iphone*, acompanhado das lojas *Apple* quase santuários, a da confiança cega nas escolhas de Steve Jobs, são paradigmáticos. Quando o Outro de base é inconsistente, ele é, nos termos de Miller, uma “abstração” e essa abstração terá que ser encarnada em algum tipo de delírio para que se possa lidar com ela Miller, J. A. “A salvação pelos dejetos”, *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: entre desejo e gozo*, Rio de Janeiro, JZE, 2011.

¹¹ É exatamente o que fazia a paranoia clássica, fazer do Outro algo bem concreto, um perseguidor por exemplo. Encarnando-o, define um modo de agir com relação a ele e por isso Miller a define como “constitucional ao laço social” (de hoje).

¹² *Identifica-te com teu sintoma* é saber que não haverá nome certo para ele. *Saiba fazer, ali, com ele*, é aceitar que ele terá novos nomes a cada vez que o enlace com o outro for possível, na contingência. Nossas bússolas do último ensino de Lacan e das análises levadas às últimas consequências, ganham uso no cotidiano. Miller, J. A. “O último ensino de Lacan”, *Opção Lacaniana*, n. 35, São Paulo, EBP, 2005, pp. 6-24. E Miller, J. A. Miller, J. A. “Teoria do parceiro”, *Os circuitos do desejo*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

¹³ Talvez não haja mais como imaginar uma utopia universal o bastante para sustentar um mundo, por isso talvez chovam visões distópicas do fim do mundo. É possível, porém, dar lugar a heterotopia, termo de Foucault destacado por Marcelo Caetano diretor de Corpo Elétrico, no debate do IPUB sexta passada.

A arte pode instaurar heterotopias, lugares e tempos improváveis, mas não impossíveis. Direção da análise – LF não fica com o delírio da dor e da anestesia, mas fica com a sobra como S1 (nome de gozo) É o que apenas a teoria da *forclusão generalizada* permite, por postular que o Nome-do-pai seja apenas um operador de suplência entre outros. Aqui há apenas um diagnóstico extraído de Lacan, tão generalizado que deixa de ser um e se torna um postulado de base “Todo mundo é louco, isto é, delirante”. *Ibid*, 192. Apenas recentemente Miller retomou essa passagem a partir de em um texto inédito de Lacan, *Orientação lacaniana* aula de 4/6/2008 e Lacan, J.

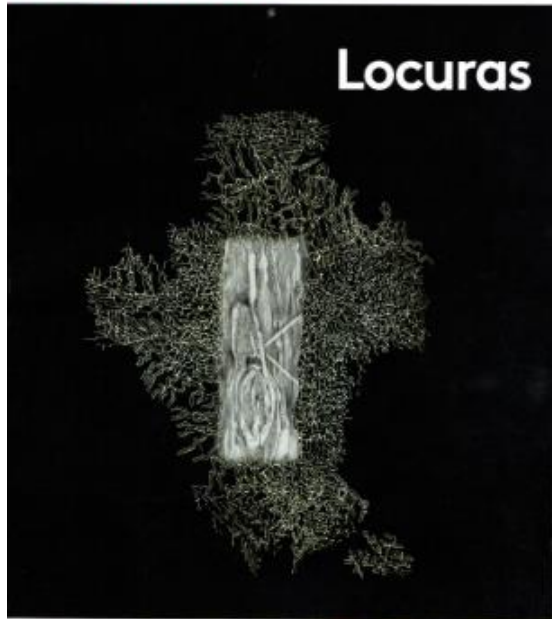
“Transferência em Saint Denis?”, *Ornicar?*, n° 17/18, 1979, pp. 278. Nos termos de Arcachon: E se o nome do pai fosse apenas um sintoma como outro? Miller, J. A. et alli *La conversation d’Arcachon*, Paris, Agalma/Seuil, 1997, p. 156.

REVISTA DE PSICANÁLISIS DE LA COMUNIDAD DE MADRID - ELP

LETRAS LACANIANAS

ISSN 1136-3789
Depósito Legal: M. 10.147/1998
Depósito Legal: M. 10.147/1998

NÚMERO 19 • 2018



LETRAS LACANIANAS

EQUIPO DE LETRAS LACANIANAS

DIRECTORA
Celeste Stecco

ASESOR
Éric Laurent

EQUIPO DE REDACCIÓN

Carmen Bermúdez, Elena Cattarini, Blanca Cervero,
Carmen Cuñat, Susana Genta, Julia Subiza,
Zacarías Marco, María Montané, Blanco Medina, Silvia Nieto,
Juan Carlos Pérez, Celeste Stecco, Pío Zekoya

CORRECCIÓN

Carmen Bermúdez (coordinadora), Elena Cattarini,
Zacarías Marco, María Montané, Blanco Medina,
Silvia Nieto, Juan Carlos Pérez, Pío Zekoya

TRADUCCIÓN

Carmen Cuñat, Julia Gutiérrez, María Montané

GRÁFICA

Silvia Nieto, Juan Carlos Pérez, Celeste Stecco,
Sebastián Vilalonga

EDICIÓN DIGITAL

Pío Zekoya

SUSCRIPCIONES

Blanca Cervero

MAQUETACIÓN Y DISEÑO

BTD Design - Sebastián Vilalonga

IMPRENTA:
Loveri S.A.

DISTRIBUCIÓN
Librería Muga

LETRAS LACANIANAS

Es una revista editada por la Sede de Madrid
de la ELP
c/ Riego, 51, 1º dcha.
28004 Madrid

TEL: (+34) 915 591 487

EMAIL:
eic@elpc69@letraslacanianas.com

PÁGINA WEB:
www.letraslacanianas.com

FACEBOOK:
letraslacanianas

Letras Lacanianas es una revista sin ánimo de lucro,
publicada bajo los auspicios de la ELP, la Escuela
Lacanianas de Psicoanálisis.

ISSN:
1136-3789

DEPÓSITO LEGAL:
M. 10.147/2011

